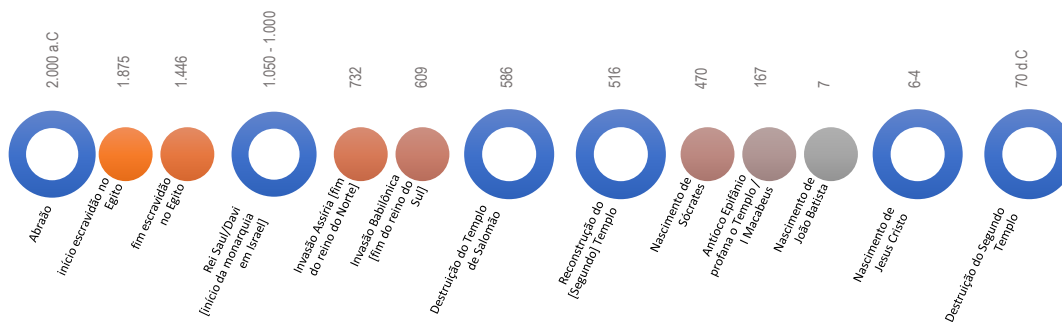


A Era pré-cristã – A esperança de Israel

Linha do Tempo – A História dos Hebreus



Para falar sobre Israel e entender os acontecimentos assim como a percepção do povo judeu com relação a cada um dos episódios de sua história, é preciso lê-la historicamente, ou seja, de forma atenta ao espírito do tempo que cada fato adiciona nessa linha temporal – que como qualquer outra História, é um acúmulo de fatos e não uma nova História a cada novo acontecimento. Olhar para trás e focar diretamente nas profecias de Jeremias, levará o observador a achar exagerada a reação do profeta, caso o leitor da História desconsidere a ordenação divina (Jr 1.4-10) e o histórico de desobediência do povo de Judá sabendo que seus irmãos do norte (Israel) já haviam sido punidos com o exílio na Babilônia. Assim, para entender a era monárquica iniciando-se em Saul, a destruição do Templo de Salomão e o nascimento de Jesus Cristo posterior ao nascimento de João Batista, é obrigatório termos em mão a visão panorâmica da história dessa civilização, o que tento fazer aqui com a linha do tempo concisa que trago acima, e com a explanação dos fatos como se segue.

Abraão: da promessa ao cumprimento

Toda a história do povo judeu foi construída sobre o patriarca Abraão, que tendo crescido na cidade de Ur, na Caldéia (à época pertencente à Mesopotâmia), iniciou a jornada humana em busca do cumprimento do projeto de redenção de Deus para com a humanidade saindo de sua terra e caminho para o ocidente, até chegar à Terra Prometida por Deus (Gn 12.1). Essa jornada pode ser chamada de “humana” pois nunca disse respeito apenas à uma raça eleita, um povo, mas sim à toda a humanidade sendo a

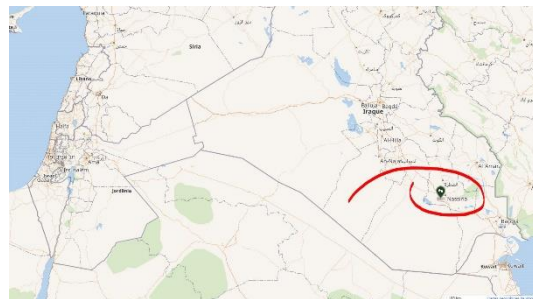


Figura 1 – Abraão nasceu em Ur, na Caldéia, ao sudeste de onde hoje é o Iraque.

descendência biológica de Abraão apenas o veículo do cumprimento da promessa de Deus para com sua descendência espiritual, formada por todos aqueles que creem (conforme o próprio apóstolo Pedro – I Pe 2.9). Assim, temos em Abraão o início de uma jornada baseada na promessa: “Por teu intermédio abençoarei todos os povos sobre a face da terra!” – Gn 12.3. A vida hebraica, se podemos nos referir à vida em um organismo coletivo, é uma vida de esperança: esperança do cumprimento da promessa de YHWH de que Israel reinará sobre a Terra, com o próprio Deus à frente como foi anunciado pelos profetas (Sl 72; Is 11.1-9; Jr 23.5), e que esse reino será visto por toda a Terra. Tal esperança foi ao longo de dois mil anos o acordar e o levantar de cada um dos filhos de Abraão (Dt 6.7), e vivendo a promessa os descendentes do patriarca percorreram pela fé o caminho traçado pelo autor da epístola aos Hebreus (11), pela fé pois não havia lógica humana no cumprimento da promessa, desde Sara que não poderia ter um filho sequer pois era estéril, passando por diversas outras mulheres que também não poderiam dar continuidade à promessa, como Rebeca, Raquel e chegando na mãe do Salvador, Maria que não era estéril mas virgem, e muito mais que suas antecessoras era incapacitada de dar prosseguimento à promessa pois, sendo um ser humano não poderia trazer ao mundo o Verbo por meio de uma gestação normal. Deus concluiu em Maria o caminho de nascimentos miraculosos, semeando nela seu filho por meio do Espírito Santo.

A história de Israel é, porém, uma história de dores que começaram com a vida errante de Abraão, que chegando à Terra Prometida não pode fazer morada, mas teve de habitar como peregrino, em tendas. Essa característica do patriarca é a prefiguração (ou o *tipo*, na linguagem de Northrop Frye¹), a vida de todos os filhos de Deus nascidos em Cristo Jesus, que também não fazem morada fixa nessa Terra pois são peregrinos (I Pe 2.11). É essa característica essencial da vida do cristão que leva Santo Agostinho de Hipona (354 – 430) a escrever sua tese “Cidade de Deus e Cidade dos Homens”, onde instiga toda a Igreja a conhecer-se como habitantes da morada celestial enquanto vivem na cidade dos homens.

Diz a Escritura que Caim construiu uma cidade e Abel, como peregrino, nenhuma ergueu. Porque a Cidade dos santos está no céu, embora cá na terra gere cidadãos, em quem peregrina até chegar o tempo de seu reinado.²

O próprio Deus escolhe Israel para que represente seu projeto salvífico, que desde a eternidade estava programado para ser cumprido naquele que é o único capaz de realizá-lo. Tal exclusividade está bem clara no silêncio do Pai quando do questionamento do Filho “se possível, passa de mim esse cálice”, e o Filho era o único que poderia redimir os pecadores pois apenas ele foi encontrado justo “o Justo pelos injustos, com o propósito de conduzir-nos a Deus”³. Para chegar no nascimento do Salvador, porém, era necessário preparar todo o caminho, começando na saída de Adão e Eva do Éden (Gn 3.22-24), passando pelo batismo nas águas do dilúvio (I Pe 3.21), o encontro do patriarca justo, Abrão (Rm 4.3), a libertação da escravidão representada no Egito (Gl 5) e a prova de que o homem não consegue ser justo cumprindo a Lei de Moisés (II Co 3.6), a insustentável adoração no templo físico, primeiramente móvel (Ex 25) e depois fixo (I Rs 6), sua destruição após a invasão babilônica (586 a.C), tempo em que Deus deixava claro que a adoração física não é a desejada por Ele

¹ De acordo com a análise textual de Northrop Frye (1912 – 1991), o Velho Testamento é composto por “tipos” que encontram seus “antítipos”, ou seja, seus opostos imediatos e correspondentes alegóricos, no Novo Testamento. Assim, cada imagem veterotestamentária age como se estivesse refletida em um espelho, e após Cristo o objeto que era refletido é conhecido face-a-face. Ver I Co 13.12.

² AGOSTINHO. *Cidade de Deus*. Livro II. Cap. 1. Vozes de Bolso. São Paulo, 2012.

³ I Pe 3.18

(Is 1.11), o retorno para a escravidão, deixando claro que não há libertação eterna sem Cristo (II Rs 24), e finalmente o nascimento do Salvador após seis séculos de rebeliões em Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém

“Ó Jerusalém, Jerusalém, que assassinas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes Eu quis reunir os teus filhos, como a galinha acolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vós não o aceitastes! Eis que a vossa casa ficará abandonada! Pois eu vos declaro que, a partir de agora, de modo algum me vereis, até que venhais a dizer: ‘Bendito é o que vem em o Nome do Senhor!’” – Jesus Cristo, em Mt 23.37-39

O lamento sobre Jerusalém encontrado no Evangelho de São Mateus é revelação terrível por parte do Salvador, que não apenas não foi reconhecido em Israel quando esteve fisicamente na cidade como ainda hoje é ignorado pelos descendentes de Abraão. Jesus revela que assim deve ser e assim será até o fim dos tempos “de modo algum me vereis, até que...”. Os anos nos quais Jesus andou na Judeia foram anos de extrema inquietação para o povo judeu, como descrito por Ivor J. Davidson:

Jesus, ao que parecia, era apenas mais um reformador fracassado — corajoso, sem dúvida, em seu protesto contra os sistemas religiosos e morais que ele achava errados; louvável, certamente, em sua preocupação de princípio com os necessitados e marginalizados e seus esforços práticos para enfrentar as injustiças sociais; mas no fim, apenas mais um piedoso mártir morrendo pela causa.⁴

Não é exagero da parte do autor fazer essa leitura, pois sabemos que os anos que antecederam o nascimento de João Batista e Jesus, foram de grande revolta contra o sistema de dominação romano, e isso sem contar que os dois últimos séculos foram marcados por desespero tal que, não poucas vezes o povo se uniu em lutas mortais contra o Império, como quando da Revolta dos Macabeus⁵ (167 – 142 a.C) descrita em detalhes por Josefo⁶. O povo dominado e subjugado com altas cargas de impostos não esperava então um redentor, mas um libertador pois não via a própria situação como sendo imunda, mas oprimida. Jesus viria para salvar o pobre e oprimido, como Ele mesmo anunciou quando leu o pergaminho de Isaías, no Templo (Lc 4.18,19):

“O Espírito do Senhor DEUS está sobre mim, porque o SENHOR tem me ungido para pregar boas novas ao pobre. Ele tem me enviado para atar as feridas do dilacerado, para proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão para aqueles que estão encarcerados. Para proclamar o ano aceitável do SENHOR, e o dia da vingança do nosso Deus, para confortar todos que pranteiam” – Is 61.1,2

⁴ DAVIDSON. I. J. *The Baker History of the Church – The birth of the church*. Baker Books. Oxford, 2004. Sem publicação no Brasil.

⁵ O nome “Macabeus” é derivado das letras iniciais do que em hebraico é escrito “Mi Kamoka Be Elire, Jehovah?” (Quem é como Tu entre os deuses, ó Jeová?). O nome original dos Macabeus (e sua dinastia) foi Asmoneus, herdado do avô de Matatias, chamado Asmoneu como informado pelo próprio Josefo em 12.6 (265).

⁶ JOSEFO. F. *Jewish Antiquities*. Kregel Publications. USA, 1999. Book 12. Chapter 6.

Cristo atendeu o chamado do pobre e do necessitado, seu ministério pessoal foi marcado pela atenção dirigida ao refugio da sociedade: leprosos, cobradores de impostos, prostitutas, mendigos e pobres trabalhadores. As camadas mais altas da sociedade só foram atendidas após a morte do Salvador, pela Igreja. Porém, ao não agir como os heróis do passado lutando contra o sistema de opressão política, Jesus não atendia o desejo do povo, antes trazia a revelação de deficiências ignoradas e que precisavam ser curadas antes da libertação romana. É essa a mensagem entregue ao jovem rico (Mt 19.16-22), e em outra passagem “Pois que vantagem tem o homem em ganhar o mundo inteiro, e perder a sua própria alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?”⁷.

Com essa entrega indesejada, Cristo atende não a parcela da sociedade que tinha voz ativa, mas apenas aquela que estava silenciada. As prostitutas não estavam reclamando dos romanos, pelo contrário os soldados eram seus clientes; os cobradores de impostos não queriam o fim do Império, eram funcionários de Roma; os leprosos, cegos e mendigos não tinham sequer quem os ouvisse; e pescadores simples como Pedro viviam de forma tão miserável que sequer entendiam a lógica tributária sobre a qual viviam. Jesus definitivamente não era o libertador esperado, e por isso sua entrada triunfal se dá de forma tão inesperada, como se vê no Evangelho de São João (12):

No dia seguinte, a grande multidão que tinha vindo para a festa, assim que ouviu que Jesus estava chegando a Jerusalém, pegou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, exultando:

“Hosana! Bendito o que vem em o Nome do Senhor! Bendito o Rei de Israel!”

E Jesus, tendo conseguido um jumentinho, montou-o, conforme está escrito:

“Não tenha medo, ó filha de Sião; eis que o seu Rei está chegando, montado em um jumentinho.”

Naquele momento, seus discípulos não entenderam o que estava acontecendo. Só depois que Jesus foi glorificado, eles se lembraram de que esses fatos estavam escritos a respeito dele e também de que isso lhe fizeram. Assim sendo, a multidão que estava com Ele, quando mandara Lázaro sair do sepulcro e o ressuscitara dos mortos, continuou a testemunhar o ocorrido. Por essa razão, um grande número de pessoas saiu ao encontro de Jesus, pois ouviu que Ele realizara esse milagre.

Todavia, os fariseus comentavam uns com os outros: “Vós percebestes como nossos esforços são inúteis. Atentai! Eis que o mundo todo vai após Ele!”

Jesus não se revelou antes do tempo (Jo 2.4), entrou em Jerusalém como rei dos aflitos e não como o representante da elite religiosa.

A esperança de Israel

E, naquele mesmo dia, dois deles estavam caminhando em direção a um povoado chamado Emaús, que ficava a cerca de onze quilômetros de Jerusalém. E iam dialogando sobre todos os fatos recentemente ocorridos. Enquanto trocavam idéias e discutiam, o próprio Jesus se aproximou de ambos e começou a caminhar com eles; entretanto, os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo. Então, Ele lhes

⁷ Mt 16.26.

questionou: “O que vos preocupa e sobre o que ides discutindo durante vossa jornada?” E eles pararam entristecidos. No entanto, um deles, chamado Cléopas, replicou-lhe: “És o único, porventura, que tendo estado em Jerusalém, ignoras os acontecimentos destes últimos dias?” Ao que Ele lhes indagou: “Quais?” E eles começaram a lhe explicar: “Ora, o que ocorreu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, e como os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à pena de morte, e o crucificaram; e nós acreditávamos que fosse Ele quem havia de trazer a total redenção a Israel. Mas, hoje já é o terceiro dia desde que tudo isso aconteceu. É verdade também que algumas mulheres, seguidoras conosco, nos assustaram. Porquanto foram de madrugada ao sepulcro, mas não encontraram o corpo de Jesus. Contudo, voltaram e nos relataram que tiveram uma visão de anjos, que lhes asseguraram que Ele vive! De fato, alguns outros seguidores entre nós foram ao sepulcro e encontraram tudo exatamente como as mulheres haviam informado; porém não viram a Ele”. – Lc 24.13-24

“[...]e nós acreditávamos que fosse Ele quem havia de trazer a total redenção a Israel”, foram essas as palavras dos discípulos que andavam pelo caminho, desolados com a morte do Salvador no qual criam, ainda que suas esperanças tivessem sido frustradas. Criam sem entender a profundidade do que criam, eram judeus que haviam compreendido os profetas quando anunciaram “o rebento de Jessé” (Is 11.1), mas não quando anunciaram que o Servo viria para reconduzir Jacó a YHWH (Is 49.5). O reino trazido por Jesus à Terra não era o esperado pelos judeus, e por isso a instituição da Igreja aparece como um algo totalmente inesperado e unimaginável, o Filho de Davi vindo e não se assentando no trono, antes colocando-se como a pedra de fundação de uma instituição de trabalhadores (Lc 10) para continuar no mundo, dessa vez conclamando não a Jacó para que se reconcilie a Deus, mas os gentios de todo o mundo.

As Escrituras não são textos de compreensão carnal, mas espiritual. Entender a Lei e os Profetas não era possível até que o espírito descesse sobre o homem, e fizesse nele morada. É essa a exposição constante do trecho do Evangelho de São Lucas no capítulo 24:

Em seguida, Jesus lhes explicou: “São estas as palavras que Eu vos ensinei quando ainda estava entre vós: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos!” Então, se lhes abriu o entendimento para que pudessem compreender as Escrituras. – v. 44,45

Jesus abriu os olhos dos discípulos para que entendessem a Escritura. Mesmo tendo vivido por três anos ao lado do Mestre, recebendo seus ensinamentos e realizando os milagres de Deus junto com Ele, apenas depois de terem os olhos abertos foi que os discípulos realmente entenderam a plenitude do que estavam vivendo. Ao longo de todo o Velho Testamento, Deus anuncia que estenderá sua destra sobre todas as nações, ou seja, a Era Cristã estava anunciada desde o início, seja ao patriarca Abraão (Gn 12.3) ou aos profetas (Is 56). Após ser cheio com o Espírito de Deus, Pedro também entendeu a Escritura (At 3.24,25), e só então pôde enxergar que vivia um novo tempo, uma nova era de aliança de Deus para com o homem, e que Deus não quer que nenhum se perca, seja judeu ou gentio, mas que todos cheguem ao arrependimento. Só depois de cumprir seu propósito para com toda a humanidade, o mesmo Deus que destruiu a Terra com um Dilúvio a destruirá novamente,

dessa vez pelo fogo, fundindo todos os elementos e recriando toda a Terra para a Nova Morada (II Pe 3).

Conclusão

Assim como ao longo de todo o Velho Testamento YHWH se fez presente na Terra, habitando em Jerusalém, e com a vinda de seu filho amado, habitou em nosso meio por mais de 30 anos, hoje vivemos a era em que Deus se faz presente por seu Santo Espírito, habitando em cada um de seus filhos, que cheios de sua presença são como que luzeiros para o mundo. O tempo em que vivemos é o cumprimento da esperança dos povos, enquanto Israel prossegue na cegueira que o dominará até o fim dos tempos, onde “Deus retribuirá a cada um segundo o seu procedimento”⁸.

Fernando Melo
Brasília, 23 de fevereiro de 2022

⁸ Rm 2.6